

O Núcleo de Apoio à Extensão (NAE) surgiu a partir de discussões iniciadas no ano de 2009, por um grupo de estudantes de Ciências Sociais que tinha interesse em saber mais sobre as práticas de extensão e as relações entre universidade e sociedade, entre o saber específico e o senso comum, entre os conhecimentos desenvolvidos no meio acadêmico e as questões suscitadas na sociedade.

A idéia foi amadurecida e culminou no projeto de Escritório Piloto proposto na carta programa da chapa “A estrada vai além do que se vê”, atual gestão do CEUPES. Apesar de ser um projeto de gestão, desde o início das discussões, em abril deste ano, se incorporaram ao grupo pessoas de fora dela. Isso foi importante porque, desde o princípio, se pensou a importância de este ser um grupo aberto e sem vínculos com o centro acadêmico, e que, uma vez institucionalizado, se emancipasse dele, desenvolvendo gerenciamento próprio e dependendo apenas do envolvimento dos alunos de Ciências Sociais nos projetos ali elaborados.

Organizamos-nos primeiramente visando discutir textos de educadores e pensadores que ajudassem a formular nossa concepção de extensão. Entramos em contato com outros grupos de extensão em atividade na USP, que nos auxiliaram na escolha dos textos “Comunicação ou Extensão?” de Paulo Freire, “O arco-íris do desejo” de Augusto Boal e “A Universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade” de Boaventura de Sousa Santos. A partir das leituras e discussões, nossa idéia de como uma atividade de extensão deve se desenvolver tornou-se mais sólida.

Com base sobretudo na introdução do texto de Boal, pudemos perceber as possíveis relações a serem estabelecidas entre nós e

qualquer outro grupo de pessoas. Concluímos, então, que a prática da extensão deve se tratar de um diálogo que implica em uma troca e que, portanto, pressupõe dois lados em igual condição de relação. A escolha de um projeto de extensão com um caráter de diálogo possibilita um mútuo processo de aprendizado entre estudantes e sociedade, por meio da troca de conhecimentos entre o saber desenvolvido na universidade e o dito saber “vulgar”, sem hierarquizar os indivíduos envolvidos nessa relação nem a forma de conhecimento de cada um deles.

O contato entre diferentes formas de conhecimento suscita reflexão para ambas as partes. Não acreditamos que deva se tratar, portanto, de nenhum tipo de prestação de serviço ou de auxílio comunitário, no qual se subentende que uma das partes apresenta um conhecimento superior ou privilegiado em relação à outra. Acreditamos em uma relação mais profunda que exige uma aproximação e um envolvimento com a população em questão. Pensamos que apenas assim é possível a construção do processo de troca efetiva, que modifica a realidade na qual interferimos ao mesmo tempo em que nosso conhecimento é modificado por ela. Trata-se de estabelecer relações que privilegiem a troca de experiências e o contato entre diferentes agentes sociais; de uma ação efetiva que, por meio de um diálogo, coloca nossos conhecimentos em prática.

Pensar projetos fechados propondo uma transformação da realidade de uma população a partir de nosso ponto de vista do que é bom ou certo para eles, não é nosso objetivo. A formulação dos projetos seria um resultado de um pensar conjunto com a população em questão, ou então isso iria contra a nossa própria concepção de extensão.

Os textos citados acima estão disponíveis na pasta do NAE no serviço de Xerox do prédio de Ciências sociais e Filosofia

[nae.sociais@gmail.com](mailto:nae.sociais@gmail.com)